

ANNO V
NUMERO 103



A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praca dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA

A ARTE MUSICAL
Publicação quinzenal de musica e theatros
LISBOA

AUGUSTO D'AQUINO

Agencia Internacional de Expedições

SUCCURSAL DA CASA

CARL LASSEN, HAMBURGO

Serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

Por via de Hamburgo pela casa Carl Lassen

» » » Anvers	» » Carl Lassen
» » » Liverpool	» » Langstaff, Ehrenberg & Pollak
» » » Londres	» » Langstaff, Ehrenberg & Pollak
» » » Havre	» » Langstaff, Ehrenberg & Pollak

EMBARQUES PARA O ESTRANGEIRO E COLONIAS

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

Rua dos Correeiros, 92, 1.º

ULTIMAS NOVIDADES MUSICAES

DA

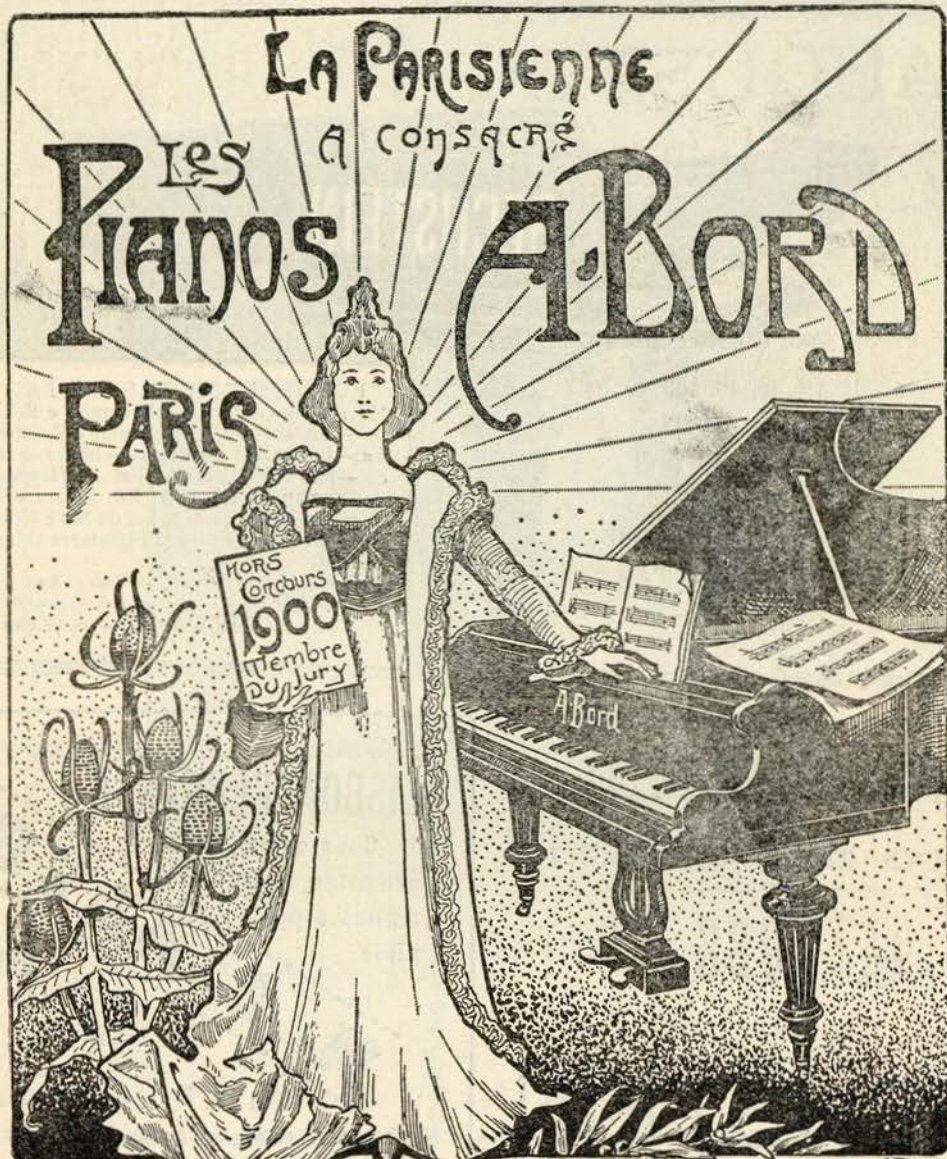
CASA LAMBERTINI

Vieira — Diccionario Biographico de Musicos Portuguezes (2 volumes).....	Rs. 45000
V. Hussla — 4. ^a Rapsodia Portugueza.....	» 15000
Furtado — Ziminha (valsa).....	» 500
Pereira — Natus est Jesus (canto).....	» 500
Mantua — Pas de quatre	» 500
Oliveira — Caldas-club (Pas de quatre).....	» 500
Mantua — P'ra inglez vez (valsa).....	» 500
» Grata (valsa).....	» 500
Rover — Arte Nova	» 500
Pinto — Confidence (valsa)	» 500
Mackee — Honey Moon (valsa).....	» 500
» Caressante (valsa).....	» 500

LA PARISIENNE
A CONSACRÉ

LES
PIANOS
PARIS

A BORD



14^{bis} BOUL^e POISSONNIERE

J. Bille

Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual.....	3:000 pianos
Produção até hoje.....	100:000 »

Exposição Universal de Paris (1900)
Membro do Jury Hors Concours

A ARTE MUSICAL
Publicação quinzenal de musica e theatros
 LISBOA



BECHSTEIN

FORNECEDOR DAS CORTES DE SS.
 MM. o imperador da Allemanha e Rei da Prus-
 sia.—Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prus-
 sia.—Imperador da Russia.—Imperatriz Frederi-
 co.—Rei d'Inglaterra.—Rei de Hespanha.—Rei
 da Romania.—SS. AA. RR. a Princeza Real da
 Suecia e Noruega.—Duque de Saxe Coburgo-Gotha.
 —Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de
 Lorne).
 BERLIN N.—57, JOANNISTRASSE
 PARIS—334, RUE S.^t HONORÉ
 LONDON W.—40, WIGMORE STREET

LAMBERTINI
 UNICO DEPOSITARIO
 DOS
 CELEBRES PIANOS
 DE
BECHSTEIN
 LUVARIA
 GATOS
 260, RUA AUREA, 270
 LISBOA

LISBOA ELEGANTE
 Casa especial de
 gravatas, colla-
 rinhos e pu-
 nhos.
M. C. ALVES
 NOVIDADES
 DE
 LONDRES E PARIS
 15 a 17, Praça de D. Pedro-LISBOA

TRIDIGESTINA LOPES
 Preparada por F. LOPES (pharmaceutico)
 Associação nas proporções physiologicas, da
 diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por
 excellencia em todas as doenças do estomago em
 que haja difficuldade de digestão. Util para os
 convalescentes, debeis e nas edades avançadas.
PHARMACIA CENTRAL
De F. LOPES & C.^a
 108, R. DES. PAULO, 110—Lisboa

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49

Proprietario e Director

LISBOA

Redactor principal e editor

Michel'angelo Lambertini

Rua da Assumpção, 18 a 24

Ernesto Vieira

SUMMARIO — Compositores da America do Norte — La Damnation de Faust — José Rodrigues d'Oliveira — Concertos espirituaes — Concertos — Notas vagas — Eduardo Fonseca — Noticiario — Bibliographia — Secção Litteraria — Expeciente.

Compositores da America do Norte

(Continuado do n.º 100)

Sou forçado a prolongar um pouco mais a interrupção d'estas singelas informações ácerca dos compositores norte-americanos. O anonymo replicou ao meu ultimo artigo e, comquanto eu tenha a grande satisfação de vêr que o amavel e erudito desconhecido está de accordo commigo na maior parte dos topicos, verifico haver divergencias que me parece serem devidas a ter exposto insufficientemente a minha idéa. Torna-se necessario explanar mais clara e desenvolvimento o ponto de vista que tenho sustentado e se me affigura verdadeiro.

Não nego, como suppõe o meu estimavel contradictor, a existencia de fundamento para um criterio d'arte, por isso que todos os homens têm um fundo emocional commun e visto como ha alguma cousa constante, universal, nos nossos instinctos e nos meios que empregamos para os satisfazer. Mas este fundo emocional que subsiste no tempo e no espaço e que é a base de toda a ethica e fundamento do criterio artistico, se tem grande importancia em litteratura, é em musica, arte essencialmente subjectiva e tão notavelmente variavel no tempo, radicalmente influenciado e modificado por circumstancias que penso e creio são os *factores* da critica musical.

Effectivamente a musica é a arte em que o *institucional* tem mais curta duração e é mais rapidamente modificado pelos factos singulares ou unicos. A historia d'esta arte é, em synthese, uma sequencia de factos singulares provocadores da formação de institucionaes de tão breve duração que muitas vezes são como que meros acontecimentos. Por isso a musica é certamente a

arte na qual o contingente tem mais decisiva influencia.

O primeiro factor da critica musical é o *temperamento*, formado pela tendencia emocional, pela capacidade ou potencial emotivo e pela *fôrma* d'esse potencial, fôrma que consiste 1) na prevalencia das imagens visuaes ou das auditivas, 2) na maior ou menor rapidez de formação d'essas imagens, 3) no predominio da reviviscencia das *noções* sobre as *impressões*, ou vice-versa, 4) na preponderancia de uma das diversas fôrmas da imaginação, *subjectiva*, *objectiva*, *pictoresca*, *analogica*, *psychologica*, *significativa*, etc.

Este factor póde ser profundamente modificado pelo estado sentimental, ou estado d'alma do momento, em especial no que respeita á apreciação dos artistas executantes. (E' então que a boa ou má digestão impera despoticamente).

Outro factor é a *educação* que, segundo a formula felicissima do penetrante psychologo G. Le Bon, é a *arte de fazer passar o consciente no inconsciente*. A psychologia moderna demonstrou que o papel do inconsciente na vida quotidiana é immensamente superior ao papel do raciocinio consciente. O desenvolvimento do inconsciente faz-se por formação artificial de reflexos resultantes da repetição de certas associações as quaes, sufficientemente renovadas, criam actos reflexos inconscientes, isto é habitos. A lei das associações, base da psychologia moderna, domina toda a educação e deixa entrever a influencia do *meio* sobre a capacidade de apreciar e julgar.

O *amor proprio*, paixão fundamental, esta *bête noire* da humanidade, é outro factor importantissimo. Um profundo psychologo contemporaneo, P. Lacombe, mostrou que o amor-proprio é formado pela vaidade e pelo orgulho e que o instincto de sociabilidade é a causa primordial de todo o homem ser vaidoso e orgulhoso. Procuramos ganhar a estima dos outros pela nossa pessoa, nisto consiste a vaidade, e luctamos por manter contra a opinião alheia a estima

que professamos por nós mesmos e pelas nossas opiniões, e é nisto que consiste o orgulho. Um homem é vaidoso ou é orgulhoso segundo a maior atenção que, a respeito da sua pessoa, dá á opinião alheia ou á sua propria.

Certos temperamentos agressivos são dominados por uma tal hypersusceptibilidade do orgulho que, mesmo pelos motivos mais fúteis, facilmente se desorientam a ponto de ficarem escravos da mais phantastica perversão do sentimento e da mentalidade¹. Sob o ponto de vista psychologico taes temperamentos, sobretudo no estado *nativo*, isto é quando não condicionados pela educação, constituem documentos muito interessantes para quem, como eu, é curioso de psychologia.

Não é raro que o ciúme ou a inveja, estes dois modos de ser do orgulho, actuem também sobre a critica.

O amor-proprio exerce ainda uma grande influencia por intermedio das suas multiplices manifestações, *a moda*, isto é gostos, enthusiasmos que, partidos de um ponto muitas vezes indeterminado, são rapidamente adoptados ou pelo publico em geral, ou por uma certa classe. Quem abraça a moda fá-lo na maior parte dos casos para salvar a sua reputação de bom gosto, e quasi sempre também aquelle que se oppõe á moda e se declara contra ella pretende encobertamente sobrepujar os outros por um gosto superior. Sustentar ou combater uma novidade é, para o orgulhoso, um meio de se distinguir, e é quasi sempre para *dar na vista* que um critico se torna aggressivo.

Outro factor cuja enorme importancia não é em geral sufficientemente avaliada é a *sugestão*. Este factor leva muitas vezes a critica ás mais disparatadas illusões. E' claro que a sua influencia está na razão inversa da capacidade e da originalidade do critico. Para um Berlioz, um Schumann, um Wagner, que occupam a culminancia, ha evidentemente um minimo de suggestão.

Finalmente são a *sympathia* e a *antipathia* outro factor, cuja grande influencia póde ser observada em todas as occasiões. *Cahir no agrado* ou no desagrado é a determinante principal da apreciação. Póde-se dizer que o exito do artista cresce proporcionalmente ao quadrado do augmento de *sympathia*.

A preponderancia de cada um d'estes differentes factores depende das circumstancias, principalmente do temperamento, do momento e do lugar. Cada um d'elles é

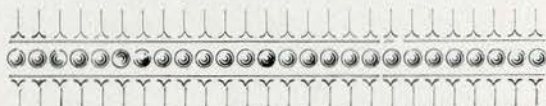
capaz de influenciar os restantes. Assim a *sympathia* e a suggestão podem-se condicionar reciprocamente.

A educação e a *sympathia* são os factores que determinam maior concordancia de opiniões.

Do que fica succintamente exposto conclue-se que a critica d'arte é em essencial formada pelos seguintes elementos: temperamento, educação (incluindo nella o *meio*), amor-proprio, suggestão, *sympathia*, e que por conseguinte não possui os caracteres d'uma sciencia. E' um phenomeno da maior relatividade, sempre interessante e curioso como manifestação psychologica e algumas vezes mais ou menos importante para a orientação artistica.

E disse. Está acabada a digressão d'uma vez para sempre. Se o amavel anonymo quizer mais cavaco, queira dar-me o seu endereço para que possamos cartear-nos particularmente (o sobrescripto traz o carimbo do correio de Lisboa) Mas d'aqui em diante não me desviarei nem uma linha do meu assumpto.

B. V. MOREIRA DE SÁ.



La Damnation de Faust

(Conclusão)

O *Requiescat in pace* a proposito do infeliz rato e a fuga ironica sobre o *Amen* são de uma intenção comica muito marcada, sobre tudo quando nos lembramos que o auctor quiz ali ridicularisar os defensores ferrenhos da musica classica e das formulas consagradas.

Apesar de curta esta fuga é modelarmente feita e d'um effeito espantoso. *Berlioz quiz fazer rir e chega a commover*, diz um dos seus commentadores; e effectivamente fica-se em duvida se o critico artista tem razão na sua diatribe musical ou se pelo contrario as velhas formulas, assim tratadas, são de molde a encantar toda a gente.

O certo é que esta bella fuga ensaiada certamente pelo maestro Campanini, com o maximo apuro e cuidado, obteve uma interpretação condigna e foi acolhida, sem favôr, com o mais espantoso applauso.

Tambem não regateamos elogios á espi-rituosa canção do barytono, em que Stracciari (Mephistopheles) teve sem duvida o seu momento mais feliz.

¹ O meu precedente artigo provocou um curioso exemplo d'esta especie.

O tentador arrasta o seu novo amigo para as margens do Elba: todo o trabalho orchestral e coral que acompanha o somno de Fausto, somno perfumado de rosas e embalado pelo suspirar de gnomos e sylphos, é absolutamente feérico e perturbante. O delicioso e já muito nosso conhecido bailado dos sylphos, assim como o duplo côro de estudantes e soldados, são numeros que todas as plateias adoram: deixaram ambos bastante a desejar como unidade, como intenção e como naturalidade.

Segue-se a aria de Fausto, que foi suprimida, perdendo-se assim um dos numeros mais encantadores do *spartito*. Apres-se portanto a entrada de Margarida, que deixa escapar em curtas phrases, docemente acompanhadas pelas flautas e clarinetes e por um ligeiro *tremolo* das violetas, a confissão do seu innocente amor pelo heroe que apenas entreviu em sonhos.

Sobre a canção do rei de Thule, não insistiremos mais.

Toda a scena seguinte, em que por invocação diabolica, se reúnem milhares de fogos fatuos é do mais vivo interesse symphonico: o *minuetto* que em nada cede á valsa dos sylphos constitue um delicioso quadro de uma vivacidade e de uma fantasia incríveis.

Serve por assim dizer de preparação á serenata de Mephistopheles, em que a aspereza das palavras dá a mão á ironia sarcastica da musica.

Um dos trechos capitaes é a grande scena de amor que se lhe segue e que, seja dito em boa verdade, não poudé passar de uma execução mediocre. Este ponto culminante do drama, em que Berlioz poz uma espantosa verdade de expressão, desde a timidez pudica até aos rasgos mais inebriantes do amor sensual, teve uma traducção descolorida, fria e incorrecta.

No principio da quarta parte, chora Margarida a fuga do seu amante e evoca as lembranças da passada felicidade, comparando-a com a actual solidão. É uma aria muito commovida: os desenhos do corn'inglez marcam uma nota interessante de dolorida magua.

A invocação de Fausto á Natureza, composição inspirada e de admiravel instrumentação teve a mesma sorte de tantas outras bellas cousas: foi totalmente suprimida.

O diabo apparece novamente a Fausto que vagueia por entre as rochas e cavernas e annuncia-lhe seccamente a condemnação de Margarida, accusada de ter envenenado a sua velha mãe.

O douctor e Mephistopheles montam cavallos diabolicos para correr junto de Mar-

garida e salva-a, começando então essa infernal *Corsa all'abisso*, que é preciso ter ouvido para lhe comprehender a terrivel grandesa. Infelizmente o auditorio do theatro de S. Carlos poudé fazer nma fraquissima ideia d'esse admiravel numero.

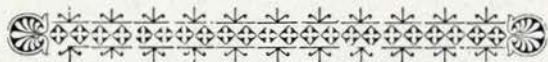
O incessante galope dos violinos, a phrase desolada do oboé que parece ser a longiqua lamentação de Margarida, os queixumes dos camponeses que fogem espavoridos por esta infernal cavalgada, o terror de Fausto, os gritos de Mephistopheles excitando os cavallos, o gemido dos moribundos, a dansa dos esqueletos em torno do infeliz douctor; todos esses ruidos e todos esses horrores se confundem n'um magnifico *ensemble* que só uma execução muito conscienciosa e longamente preparada pode traduzir satisfatoriamente.

O inferno inteiro celebra então a victoria de Satanaz n'um concerto diabolico, em que Berlioz á falta de sonoridades novas, inventou uma linguagem de fantasia; novidade esta que lhe valeu diatribes varias por parte da critica. E em boa verdade nós mesmo tambem não comprehendemos bem a vantagem do tal idioma infernal, que nada vem accrescentar á esthetica dos ultimos quadros da *Damnation*.

Para fecho da lenda dramatica que nos vem occupando, imaginou o auctor um côro celestial, d'um completo contraste com as scenas precedentes. Os anjos, ao som das harpas, descem á terra a buscar o corpo de Margarida, a peccadora arrependida, cujo casto amor a salvou da condemnação eterna.

E eis, nos seus traços principaes, a poderosa obra que tanto tem preocupado a critica de ha meio seculo e que esperamos tornar a ouvir em melhores condições de execução, quando um dia os empresarios do nosso theatro lyrico queiram despreocupar-se um pouco dos interesses materiaes e se julguem obrigados a fazer de quando em quando um bocadinho d'arte seria e proveitosa.

L.



JOSÉ RODRIGUES D'OLIVEIRA

Tem encontrado o mais caloroso acolhimento e a sympathia e concurso geraes a projectada festa em favôr da desolada familia do desditoso José Rodrigues d'Oliveira.

Alem dos senhores Joaquim Martins Junior e Odoardo Nicolay, primeiros iniciadores d'este concerto, compõe-se a commissão organisadora dos srs. Marquez de

Borba, Cascaes, Ernesto Vieira, Alfredo Borges da Silva e Michel'angelo Lamber-tini que estão empregando os melhores esforços para que este sarau, que se deve realisar a 26 do corrente abril no salão da Trindade tenha o maximo brilhantismo.

Entre os valiosos elementos que já adheriram á realisação do sarau conta-se a *Escola de Musica de Camara* que excepcionalmente e mesmo contra a lettra do seu estatuto artistico, deliberou executar o admiravel *Septuor à la trompette* de Saint Saëns, para clarim, instrumentos de corda e piano.



Não vem fóra de proposito rememorar aqui as principaes notas da vida artistica de José Rodrigues d'Oliveira, que foi, como se sabe, um dos nossos primeiros concertistas de cornetim.

Bom musico, a sua precocidade permitiu-lhe tocar a solo aos 12 annos d'idade; excellente solista tinha notaveis qualidades de vigor, brilho e doçura de som.

José Rodrigues pertenceu ás bandas de caçadores 5, infantaria 7 e guarda municipal.

Inspirado compositor de trechos para o seu instrumento favorito, compoz as polkas «Flor Linda», «Carolina», «Homenagem a Lévy» «Diamantina» e as phantasias «Homenagem a Arban», «Recordações de uma viagem» etc., etc.

Arban, por occasião da sua *tournee* a Lisboa, elogiou a virtuosidade de José Rodrigues como solista e concertista de cornetim.

Em 1877, esteve na America como ocarinista e ali deu tambem concertos de cornetim, colhendo os mais entusiasticos applausos.

José Rodrigues ensinou alguns amadores, entre elles conta-se Alfredo Borges, cornetim da orchestra da Real Academia de Amadores de Musica.

Actualmente fazia parte da orchestra da Sé, Real Camara e S. Carlos.

Falleceu a 16 de fevereiro ultimo, deixando os filhos n'uma desoladora pobreza.

CONCERTOS ESPIRITUAES

Este genero de concertos, que actualmente se realisam em muitas cidades da França e da Italia e que, infelizmente, entre nós são desconhecidos, tiveram começo em Paris, no anno de 1725 e foram creados, por assim dizer, para satisfazer ás aspirações d'aquelle publico, sempre avido de boa musica e que ficava d'ella privado durante a quaresma, não só na Opera, como em todos os demais espectaculos.

Eram elles, portanto uma especie de compensação que se proporcionava ao seu bom gosto, e tinham logar em diversos dias da Semana Santa.

Executavam-se n'estas interessantes audições diversos motetos, sólos de diferentes instrumentos e trechos *d'ensemble* de estylo severo, não tendo outra relação com os espectaculos da Opera, a não ser o emprego simultaneo das vozes e da orchestra.

Estes concertos continuaram seguidamente, desde a data da sua fundação, até 1791, anno em que foram interrompidos pelos terriveis acontecimentos politicos da revolução. Tinham logar nas Tuilherias, na sala chamada dos marechães e duravam duas horas, das seis ás oito da noite.

Foram os concertos espirituaes primeiramente dirigidos por Danican-Philidor e mais tarde Royer, Capérau, Dauvergne, Berton e outros.

Em uma das audições do anno de 1778, foi pela primeira vez executada a encantadora symphonia em *mi bemol maior*, de Mozart, a respeito da execução da qual elle escreveu uma carta a seu pae, Leopoldo Mozart, por onde se vê quanta ingenuidade e modestia havia n'aquelle grande homem e em que conceito elle tinha os musicos e a imprensa do seu tempo, carta muito interessante, mas que não reproduzimos aqui, por não vir a proposito do assumpto que tratamos.

No tempo da Restauração alguns concertos espirituaes se realisaram na Opera, organisados por Habeneck, que mais tarde,

em 1828, tinha de ser o celebre fundador dos concertos classicos da Escola Real de Musica e de Declamação Lyrica.

Na actualidade muitas orquestras executam annualmente concertos espirituaes, que teem logar na Semana Santa, concertos que constam quasi exclusivamente de musica sacra e onde se fazem ouvir verdadeiras obras primas, como o *Miserere* de Hasse, *Stabat mater*, de Rossini; *Ave verum e Requiem*, de Mozart; as *Sete palavras de Christo* e *Benedictus*, de Haydn; *Judas Machabeu*, de Haendel; o celebre *Credo*, de Elwart, etc.

Ainda agora no dia 4 do corrente mez, se fez ouvir no theatro Verdi de Florença, uma oratoria do maestro Antonio Sonzogno, intitulada *Maria no Golgotha*, por 150 executantes, comprehendendo: solistas, còros e orchestas.

Porque se não hão-de realisar tambem entre nós audições d'este genero, onde possam ouvir-se trechos sacros de musicos portuguezes?

Seria uma empresa util sob todos os pontos de vista, tanto mais que, realisando-se geralmente os concertos espirituaes em Sexta feira santa, ás duas horas da tarde, elles são perfeitamente compativeis com os affazeres artisticos dos nossos professores, que, associando-se para este fim, teriam a gloria de pôr em evidencia verdadeiros primores do genero, sacro, d'auctores nacionaes, que existem por ahí ignorados sob o pó dos archivos.

Parece que nos fallece o animo e a coragem para iniciar empreendimentos uteis, e que temos de ficar eternamente acorrentados á velha rotina, caracteristico particular da época que atravessamos.

Esta idéa foi-nos suscitada pelo facto de termos assistido no dia 5 do corrente mez, domingo de Ramos, a uma *matinée* de caracter muito modesto e intimo, promovida pelo distincto pintor e amator de musica, Ferreira da Costa, que, no seu *atelier* de pintura reuniu alguns artistas e amadores e fez executar um programma, composto de musicas de estylo plangente e sacro, que perfeitamente se identificavam com o dia em que essa *matinée* se realisou.

O programma foi o seguinte:

1.^a Transcripção de um trecho religioso dos *Mostenses*, para quarteto de corda, Chapi.

2.^a *O' vos omnes*, solo de tenor do 9.^o Rensporio de quinta feira Santa, pelo sr. Esteves Serra — Ferreira Braga.

3.^a *Oração ao pão*, poesia recitada pela

ex.^{ma} sr.^a D. Etelvina Serra — Guerra Junqueiro.

4.^a *Domine Deus*, transcripção para violoncello, pelo sr. J. Henrique dos Santos — J. H. Santos.

5.^a *Ave Maria*, transcripção para violino, violoncello e piano — Luigi Luzzi.

6.^a *Meditação*, para quarteto de corda e piano — Gillet.

7.^a *Preghiera*, para soprano, pela ex.^{ma} sr.^a D. Etelvina Serra — Tosti.

8.^a *Elegia*, para quartetto de corda e piano — Fauconier.

9.^a *Ecce enim iniquitatibus*, solo de baixo, pelo sr. Fernando Navarro — J. Soares.

10.^a *Reverie*, para quartetto de corda e piano — Fauconier.

Pelo presente programma se vê que a intenção do promotor d'esta *matinée*, foi, dar uma pallida idéa do que lá fóra é uso fazer-se n'esta época do anno, e, oxalá que tão levantado pensamento seja seguido por quem póde, com certeza, promover por completo verdadeiras audições de musica sacra, cabalmente apresentada, já que nos templos a sua execução tanto deixa a desejar.

Tomaram parte n'esta pequena festa intima, como executantes, além das pessoas mencionadas no programma, mais o distincto professor Guilherme Ribeiro, Ferreira da Costa, José Henrique dos Santos, Ivo da Cunha e Silva e Ferreira Braga.

CONCERTOS

Segundo vemos nos jornaes portuenses foi magnifico o concerto do sr. Xisto Lopes. Tomaram parte o conhecido tenor *diletante* sr. Frank de Castro e mademoiselle Bertha Velasco, *mezzo-soprano* amadora, que no duetto da *Favorita* do 1.^o acto se fez applaudir. Cantou igualmente o distincto baixo Innocencio Caldeira, a quem couberam as honras do sarau, e que notoriamente na formosa aria de Glinka, da opera *Vida pelo Czar*, encontrou um successo extraordinario, devendo apoz ella dizer ainda duas romanzas de salão.

Fizeram-se ouvir a sólo os srs. H. Carneiro, no capricho de Niels Gade, para violino; José Gouveia (violoncellista), na sonata em *ré* de Rubinstein, acompanhada a piano pelo sr. Benjamin Gouveia; e o beneficiado, que em quatro numeros diversos, todos de envergadura musical grandiosa, se produziu com o maximo applauso e agrado da numerosa assistencia do concerto.

Ainda fazia parte do programma o 2.º quarteto de Mendelssohn, muito bem executado pelos srs. Carneiro (violino), B. Gouveia (viola), J. Gouveia (violoncello) e Xisto Lopes (piano).

*

O distincto professor Roncagli apresentou no dia 29 de março, n'uma *matinée* realisada no salão do palacete do distincto *dilletante* sr. Anthero d'Araujo, os seus alumnos dos cursos de canto, em numero de doze, sendo dez damas e dois cavalheiros. Posto que esta festa tivesse character intimo, não faltaram os applausos aos illustres amadores que se fizeram ouvir em trechos de salão e de opera, escolhidos dos melhores compositores.

*

A 4 d'abril teve lugar o costumado ensaio musical no salão Moreira de Sá, em que se manifestaram algumas das mais brilhantes discipulas do eximio e disvelado professor, algumas das quaes são já hoje revelações grandiosas e largamente promettedoras de um futuro deslumbrante. Fizeram-se ouvir notoriamente mesdemoiselles Rosalia Monteiro Maia, uma das melhores discipulas de Moreira de Sá, das que lhe fazem plenamente honra e gloria; a joven Sophia Tumann, uma radiosa vocação de violinista; D. Bertha Julia Moreira, outra violinista de elevado merito; o sr. Fernando Moreira de Sá, que, como filho do illustre violinista, promette herdar-lhe gloriosamente a successão artistica.

Entre os pianistas salientaram-se o sr. Soares d'Oliveira, mademoiselle Paulina Monteiro Maia, tão notavel no piano quanto sua irmã o é no violino, e as meninas Maria Vieira e Maria Troviscal, esta ultima affirmando qualidades pouco vulgares entre os executantes do piano.

Como sempre, esta sessão musical attrahiu a *élite diletante* e apaixonada da sociedade portuense, que accorre sempre aos concertos ou ensaios do salão Moreira de Sá.

*

Para fechar a serie de concertos de S. Carlos, houve na noute de 5 uma audição de varias peças de orchestra e romanças cantadas por alguns dos artistas que faziam parte da companhia d'aquelle theatro.

A falta absoluta de espaço impede-nos de dar circumstanciada noticia d'este concerto, em cuja organização se via mais o

desejo e a necessidade de concluir o compromisso creado com os poucos assignantes d'estes concertos, do que propriamente a satisfação de um ideal de Arte, que, segundo julgamos, não estava na mente do seu promotor.

Se os concertos de S. Carlos obedecessem ao criterio que nós aqui vagamente esboçamos, dando a conhecer as grandes obras musicas que só podiam ser apresentados com o conjuncto de elementos que se encontram forçadamente reunidos no nosso theatro lyrico, é quasi certo que o publico, na sua grande maioria, havia de responder condignamente á boa vontade do empresario.

Assim, não...

*

No dia 6 teve lugar no Palacio Real d'Ajuda o concerto em honra de S. M. Eduardo VII, de Inglaterra, no qual tomou parte um nucleo escolhido de professores da orchestra (arco e harpa) sob a regencia do maestro Cleofonte Campanini, que igualmente acompanhou ao piano os trechos de canto, executados por mademoiselle Regina Pacini, tenor Constantino, barytono Maurel e baixo Perelló.

O effeito foi surprehendente, e os regios personagens endereçaram a todos os executantes as mais lisongeiras palavras de elogio, mostrando-se muito satisfeitos com a escolha do programma, que era effectivamente magnifico.

*

Vae realisar-se no proximo domingo, 19 de abril, o primeiro concerto da serie de *Audições de musica portugueza*, que tão bizarramente promove a nova instituição musical *Sociedade de concertos e Escola de musica*.

O programma, que inserimos a seguir, consta exclusivamente de musica de auctores portuguezes, pela maior parte inedita como são os numeros da nova opera *Amrah*, do distincto professor Frederico Guimarães, cujos ensaios tem suscitado o mais vivo enthusiasmo em quantos têm a elles assistido.

São igualmente de absoluta novidade os dois numeros de Julio Neuparth, um dos quaes o *Impromptum*, é uma bella pagina musical magnificamente desenvolvida e orchestrada.

Segue o programma de tão interessante sessão de musica que tem lugar no Salão da Trindade á 1 hora da tarde do dia 19:

1.^a PARTE

1.^o — Abertura de concerto em Ré — Fr. Guimarães.

2.^o — a) Minuette caprichoso, b) Impromptum — Julio Neuparth.

3.^o — *Amrah*, 1.^o acto (scena 2.^a) pelo sr. Nunes Baptista (baixo e córos) — Fr. Guimarães.

2.^a PARTE

4.^o — a) Capriccio; b) Scherzo — A. Machado.

5.^o — *Amrah*, bailados — Fr. Guimarães.

6.^o — Marcha triumphal: *A Vasco da Gama* — R. da Fonseca.

3.^a PARTE

7.^o — 2.^o acto da op. *Amrah*, pelas sr.^{as} D. Medina de Souza (soprano), Emma Niza (meio soprano) e srs. Julio Camara (tenor) e Henrique E. Chaves (barytono) — Fr. Guimarães.

Os trechos dos professores os srs. A. Machado, J. Neuparth e Rodrigo da Fonseca são dirigidos por Julio Cardona.

Orchestra composta de 80 executantes

Os córos são compostos de distinctos amadores de ambos os sexos ensaiados pelo professor sr. Guilherme Ribeiro.



NOTAS VAGAS

CARTAS A UMA SENHORA

XLVIII

De Lisboa

No momento em que lhe escrevo, um glorioso sol abre-se no horizonte em florescencia d'ouro, e d'umas acacias perto vem um aroma penetrante e doce; repicam os sinos annunciando alleluia, alleluia, e numerosos ranchos vão atravessando a Avenida, chalreando alegres...

Diante de mim recorta-se porém, delicado e branco, o perfil de Bemvinda, Bemvinda a filha do sineiro

... que é loira
e alegre como o sol que os campos doira.

Por instantes vejo

«a filha a rir e o pae a soluçar

«E ella tão moça a desfazer-se em nada...»

não ouvindo o pobre pae que a desfazer-se em pranto lhe diz:

Tu morres, ouve, escuta o que te digo,

Espera um pouco e leva-me contigo!

E assim me sinto entristecer.

*

Não imagine porém, querida amiga, que esta vaga melancholia que me tomou não tem o seu especial e penetrante encanto; tem-n'o, e só eu é que receio que não seja esta a melhor occasião para ella.

*

Alem de que reparo agora estar brutalmente desflorando este lindo e tocante poemeto que o conde de Monsaraz entreteceu em sentidos e harmoniosos versos, e onde, dando-nos a historia triste de duas desventuradas almas, com o que poz um immaterial reflexo da d'elle proprio...

Mas porque esse episodio tragico me enublassem os olhos e me desse uma sensação dolorosa da universal miseria, ponho-me a pensar nos amigos ausentes, na existencia incerta, na realidade estranha, e para fugir de mim proprio pego no chapéu e saio.

Cá fóra prosegue a luz a pompear ovante, e a multidão agita-se rumorejando forte...

Atravesso de corrida as ruas animadas de borborinhos varios e mergulho n'uma d'ellas afastada e calma; nada menos do que dois delicados mimos ahi me esperam para regalar-me os olhos e consolar-me o espirito.

O primeiro que se me depara é o salão Lallemand.

Meia duzia de télas, alguns bustos, uma admiravel redução da jarra Beethoven, em que Rafael Bordallo de novo nos deslumbra, e logo um ar de paz e de frescura, uma atmosphera de arte e de emoção me invadem e me embevecem.

Começo então a notar: um soberbo retrato por Malhoa, uma encantadora cabecinha por José de Brito, uma outra genialmente vivida por Teixeira Lopes, e aqui e ali deliciosos quadrinhos de Vaz, de Lallemand, de Columbano, de D. Maria Augusta Bordallo; mas a hora avança e precisamente este ultimo nome recorda-me que um bocadinho mais acima, além de frente, aquella porta recatada e fina dá para um outro templo d'arte.

Venho a referir-me ao aristocratico e inescutivel recanto onde essa grande artista que é uma grande senhora e tão galhardamente honra a dynastia dos Bordallos, installou a sua exposição e officina de produção de rendas....

Que gosto refinado e raro nos preciosos poemas de linha que a sua phantasia concebeu e que mãos por ella educadas sabiamente, finamente souberam realisar!

Que indisivel sensação de ideal prazer a que ali se recebe contemplando tão formosas coisas!

Ah! decididamente a Arte é um manancial divino que refrigera os mais sedentos e conforta os mais famintos...

Depois, como que nos mergulha n'um banho de vaga religiosidade, de mystica esthesia que ao mesmo tempo nos purifica e nos transforma...

E aqui tem, querida amiga, como não tendo aliás assistido ás mysteriosas ceremonias do ritual catholico celebrando o grande facto precursor da Paschoa, nem por isso deixei de commungar em espirito e em verdade com quantos pelo mundo vão procurando Deuses, em algumas das suas irradiações supremas...

*

Poderia é certo ter-lhe falado da vinda do soberano inglez ás occidentaes praias lusitanas, relembrar-lhe aquelles formosissimos coches, que attestam, em plena decadencia moderna, a grandeza dos passados tempos, ter um bocadinho de má lingua, contando-lhes o que se fez de *mau* e o que deixou de fazer-se de *bom*, ralhar dos politicos que tudo emporcalham, até aquellas mesmas cousas que elles, ainda mais que os outros, eram interessados em fazer brilhar, dizer-lhe que foram um deslumbramento as illuminações do Tejo e um tremendo fiasco o tão annunciado fogo; mas tudo isso é velho e sobre velho, desagradavel, pelo que antes preferiria palestrar comsigo a proposito da segunda exposição da Sociedade Silva Porto, uma sociedade tão recente e já tão benemerita, se por desgraça não me minguaesse espaço.

Sempre lhe affirmarei comtudo que temos a mais tres pintores authenticos, e que muitas das télas que alguns d'elles assignam n'este aliás modesto certamen, poderiam ser assignadas por pretendidos mestres, os quaes mestres nem começaram assim nem com o tempo vieram mesmo a fazer melhor...

Bem entendido que os que fundamentalmente o são não entram n'este numero...

E aqui tem querida amiga como em vespas de Paschoa eu me ia esquecendo de que não é bonito nem salutar ser mordaz ou maldizente.

Desculpe-me, e pense que são os que muito amam que muito ambicionam e eu desejaria que em tudo fossemos sempre dos primeiros...

Pois tenhamos esperanza que n'isso imitaremos os discipulos d'Aquelle de quem a Egreja acabou não ha muito de nos rememorar a ensinadora e luminosa historia...

AFFONSO VARGAS.



EDUARDO DA FONSECA



Eis nos em presença d'uma individualidade das mais bem conhecidas na cidade do Porto, onde a sua actividade particularmente se dedicou. Sem reclames exaggerados, sem elogios retumbantes, elle tem sabido in pôr esse conceito dos que valem, e representam algo na Arte musical, ganhando suc-

cessivamente, pelo seu trabalho e merecimento, a honrosa e conceituada posição que occupa de direito.

Eduardo Fonseca nasceu em 1863, revelando-se desde muito novo a sua vocação musical. Professor de piano e órgão, foi nomeado organista da Ordem Terceira do Carmo, logar que exerce com grande distincção ha longos annos. Desde 1886 que tomou conta do magnifico estabelecimento de musica e instrumentos, sito na praça Carlos Alberto, a que tem dado um grande impulso como editor de composições de piano, que se tem espalhado profusamente em todo o paiz.

E' tambem compositor muito apreciado, assim no genero sacro como no profano.

Algumas das suas valsas fizeram successo, e podem hobrear com as mais applaudidas e festejadas, estrangeiras.

Ha annos foi agraciado com o habito de Cavalleiro da Conceição, sendo-lhe collocadas as insignias no peito pela propria mão do Sr. D. Carlos, que quiz assim consagrar-lhe o indiscutivel merito.

E' socio correspondente da Sociedade dos auctores e editores de musica de Paris, que muito parcimoniosamente confere esses titulos a estrangeiros

Se fôra menos modesto, ou mais amigo de reclamos, o seu nome andaria na bocca de todos.

Assim estimam-n'o quantos o conhecem, e souberem avalial-o devidamente.

COLLINE.

NOTICIARIO

DO PAIZ

Está definitivamente assente que será nos proximos dias 25, 27 e 29 a brilhante serie de concertos que Thibaud, Loevensohn e Wurmser vem dar no Salão da Trindade.

São tão conhecidos do nosso publico os dois primeiros artistas, violinista e violoncellista, que poderia parecer redundancia ou reclame notificar-lhe aqui os merecimentos. São dois artistas serios e queridos de todos os publicos; um e outro tiveram em Lisboa verdadeiros momentos de gloria, um e outro deixaram aqui innumeras sympathias e levantaram aqui innumeros enthusiasmos.

Ha portanto uma grande e justificada anciedade em tornar a ouvil-os, sabendo-se de mais que estes dois ultimos annos tem representado para Thibaud e para Loevensohn uma serie não interrompida de triumphos.

Quanto a Luciano Wurmser, que o publico portuguez ainda não conhece, é um dos pianistas mais altamente cotados da actualidade.

Wurmser está hoje no apogeu do seu talento e possui uma technica, não sómente impecavel, mas em que transparece uma facilidade e segurança absolutas; procede de Raul Pugno pela finura, ligeireza e elegancia e impõe-se sempre pela honestidade, pela sobriedade dos processos e pelo bem trabalhado da sonoridade. Graças a essas diversas qualidades, Luciano Wurmser tem o condão de empolgar rapidamente o seu publico; não podia ser melhor escolhido para acompanhar esses dois suggestivos artistas que são Thibaud e Loevensohn.

Assim, a serie d'estes tres concertos, para os quaes se abrirá uma assignatura especial, representará um dos melhores acontecimentos artisticos da presente epoca, e não pôde deixar de ter a consagração de todo o nosso mundo musical.

Consta-nos de boa fonte que os illustres concertistas não poderão dar mais concerto algum em Lisboa, além dos que constituem esta serie, visto que o violinista Jacques Thibaud está já escripturado para um concerto em Paris, no dia 2 do proximo maio.

Foram agraciados com os titulos de Marquez de Tancos e de Marquez de Borba os illustres amadores de musica srs: D. Duarte Manuel de Noronha e D. Fernando Luiz de Sousa Coutinho, nobilissimos fidalgos pela linhagem e pelos excepcionaes dotes de caracter, que os tornam venerados de quantos tem a fortuna de os conhecer.

O filho primogenito do sr. Marquez de Borba, o nosso bom amigo D. José Luiz de Sousa Coutinho, ultimamente nomeado official mór da casa de S. M. El-Rei, também foi agraciado com o titulo de Conde do Redondo.

Felicitamos essas nobres familias, que tem de ha muito vinculado o seu respeitavel nome á arte musical, cultivada por muitos dos seus membros com raro fervor e dedicação.

Outro grande acontecimento musical, que está reservado ao publico lisbonense é a vinda da eminente pianista Theresa Carreño, que vem dar ao Theatro de S. Carlos um concerto em 21 do corrente mez.

Thereza Carreño que nasceu em Caracas (Venezuela) no anno de 1853 é pianista altamente cotada, compositora e directora d'orchestra.

Foi casada em segundas nupcias com o celebre pianista e compositor d'Albert, de quem se acha actualmente divorciada.

De accôrdo com o que temos feito nos annos anteriores damos em seguida a estatistica das operas cantadas em S. Carlos durante a epoca lyrica finda. As recitas foram 89, sendo: 50 da assignatura ordinaria; 24 da primeira assignatura extraordinaria; 12 da segunda assignatura extraordinaria, nas quaes se incluíram a recita de gala de 21 de março, anniversario do principe real, e a recita de gala em honra de Eduardo VII, rei d'Inglaterra, realisada a 4 d'abril. Além das recitas d'estas assignaturas houve também: a recita em favor do cofre do Instituto ultramarino e a recita do camaroteiro.

As operas cantadas foram: *Adriana Lecouvreur*, 5 vezes; *Africana*, uma vez; *Aida*, 5 vezes; *André Chénier*, 3 vezes; *Barbeiro*, 2 vezes; *Bohème*, 5 vezes; *Fausto*, 2 vezes; *Fedora*, 6 vezes; *Germania*, 6 vezes; *Gioconda*, 4 vezes; *Hebreu*, 6 vezes; *Lucia*, uma vez; *Lucrecia*, 2 vezes; *Othello*, 4 vezes; *Palhaços*, uma vez; *Propheta*, 7 vezes; *Rigoletto*, 3 vezes; *Sansão*, 10 vezes; *Tanhauser*, 3 vezes; *Tosca*, 7 vezes; *Traviata*, 2 vezes; *Trovador*, 2 vezes.

O 1.º, 2.º e 4.º actos do *Othello* foram cantados na recita de 2 de janeiro e na de 21 de março foram cantados o 1.º, 3.º e 4.º actos da *Bohème*.

D'uma nova carta do nosso dedicado amigo Ferreira da Silva, de Leipzig, tomamos os seguintes dados ainda com relação á eximia violoncellista D. Guilhermina Suggia, que brevemente vamos ouvir em Lisboa.

No mez de Março realisaram-se dois importantissimos concertos, sendo um no *Hof-theater* d'Altenburg, sob a immediata direcção do illustre *Capellmeister* Hans Sitt, e outro no *Albert-Halle* de Leipzig, em ambos os quaes tomou parte a nossa querida e festejada compatriota. No primeiro, alem da orchestra ducal que se fez ouvir em varias aberturas de Mendelssohn, Goldmark, Wagner e Liszt, os solistas eram D. Guilhermina Suggia e o tenor allemão Hans Gieszen. A grande violoncellista no meio do mais vivo enthusiasmo, sem embargo de nunca haver tocado em Altenburg, fez-se ouvir no concerto em *lá menor*, op. 33, de Volkmann, n'um nocturno de Chopin, *Serenade*, de Sitt, *Tarentella*, de Popper, e ainda extra-programma na *Fleur d'automne* do mesmo Popper. Foi-lhe offertado um soberbo ramo de flores naturaes com dedicatória a mais lisongeira. Por occasião d'este concerto os jornaes locais foram prodigos nos seus elogios ás faculdades extraordinarias de *virtuose* da nossa grande artista.

Alguns dias passados tinha logar o segundo concerto em Leipzig, que foi o sexto d'uma serie especialmente destinada aos operarios allemães, que geralmente não tem occasião de ouvir boa musica. Varios artistas dos theatros de opera e declamação cantaram ou declamaram trechos de musica e poesias, o professor Homeyer executou trez peças para orgão, e a nossa compatriota tocou trez numeros de violoncello, sendo muito ovacionada pela assistencia e alvo das mais lisongeiros referencias da imprensa local.

Por uma carta muito amavel do nosso amigo F. de Lacerda, na qual nos annuncia haver sido encarregado de dirigir os estudos d'orchestra e còros do *Alceste*, por doença do celebre maestro Vincent d'Indy, vemos que no nosso ultimo numero commettemos um erro involuntario, cuja rectificação elle nos péde em homenagem á verdade. Não foi elle, mas sim sua esposa, Madame Lacerda, quem desempenhou uma das tres partes de piano do concerto de Bach. De resto, occupando então o sr. Lacerda a regencia durante a execução do trecho, era-lhe impossivel fazel-o.

Acaba de se fundar uma nova escola de musica de que são directores e fundadores os srs. Julio Larcher, José Maria Pedroso e Arthur de Sousa, propondo-se estabelecer aulas diurnas e nocturnas cuja matricula abrirá no primeiro de Setembro de 1903, funcionando as aulas desde o primeiro d'Outubro seguinte.

Propõe-se tambem a dar concertos, e

o primeiro d'elles realisar-se-ha ainda no proximo Maio; estabelece um curso especial d'orgão com pedaes, que será regido pelo sr. Leon Jamet.

Os outros professores de musica e linguas serão opportunamente annunciados, sendo todavia escolhidos entre os da maior competencia e distincção.

Os subscriptores e alumnos da nova Escola Nacional de Musica tem direito a tres concertos por anno. O preço da assignatura é de 6.000 réis annuaes, podendo ser paga em prestações mensaes. A séde provisoria é na Rua Garrett, 112.

O professor Caldeira, regente da banda de Infantaria 2, compoz uma marcha triumphal que dedicou ao rei Eduardo VII d'Inglaterra, por occasião da sua visita a Portugal. Foi agraciado pelo monarcha inglez com as insignias da ordem Victoria.

Os musicos de 3.^a classe das bandas regimentaes da provincia e ilhas não gozam das regalias usufruidas pelos seus collegas nas de Lisboa e Porto, sem embargo de que essas regalias fossem determinadas por uma circular do ministerio da guerra estatuinto sobre o assumpto. Para o facto, que mal pode comprehender-se como se esteja dando, chamamos a attenção do actual titular da pasta da guerra.

Tem soffrido d'uma pneumonia o distincto professor do Conservatorio Francisco Bahia. Desejamos-lhe o mais prompto restabelecimento.

Já se encontra em terra portuguesa a distinctissima artista do violoncello, D. Guilhermina Suggia, que ha cerca de dois annos se achava na Allemanha em estudos artisticos, coroados do mais brilhante exito e consagrados por alguns notabilissimos concertos, em que lhe foram conferidas as mais solemnes e expontaneas provas de apreço.

E' bem consolador para nós outros, portugueses, que uma artista nossa se possa produzir por forma tão levantada em um paiz onde abundam as notabilidades musicas e onde é mister um conjuncto de raras e excepçoes circumstancias para que o artista consiga rapidamente um nome. Pois basta dizer-se que os concertistas que mais nomeada adquiriram em Leipzig no passado inverno foram o grande violinista Kubelik e a nossa Guilhermina Suggia, para se ajuizar quão justas e cabidas foram as previsões que n'este mesmo jornal fasiamos ao ouvir pela

primeira vez em Lisboa a portentosa tocadora.

Agora temol-a de novo entre nós e o primeiro pensamento que lhe atravessou o espirito ao pisar a Patria portugueza foi um pensamento de altruismo e de philantropia: — dar um grande concerto de apresentação, em favor de estabelecimentos pios.

Terá logar esse concerto, ao que julgamos, em principios do proximo mez de Maio. Por iniciativa do director d'este jornal, será offerecida á illustre concertista uma mensagem congratulatoria, assignada por artistas, amadores, homens de letras, etc. A copia d'esta mensagem encontrar-se-ha brevemente na sede dos principaes estabelecimentos musicaes de Lisboa, para que possa ser subscripta por todos os que quizerem associar-se a esta tão merecida manifestação.



Recebemos uma exposição redigida e apresentada ao parlamento, em nome das classes da industria do livro, reclamando a protecção devida, e pedindo que na proposta modificação pautal sejam acautelados e defendidos os interesses d'aquellas industrias, tão dignas da protecção official.

As allegações em que se baseia o exposto são perfeitamente justas e devem ser attendidas pelos representantes do paiz. Não as transcrevemos na integra por escassez de espaço mas applaudimol-as sem reserva.

DO ESTRANGEIRO

Temos á vista o programma dos 3 grandiosos concertos que o *Orpheon e Orchestra Catalan* deu em 20, 22 e 24 do passado mez com o concurso da *Schola Cantorum* de Paris (cantores de St. Gervais).

Entre outras obras de grande vulto, executou-se uma *Cantata* de Bach, o 5.º acto *Armida*, dois numeros da *Missa do Papa Marcello*, etc.

Dirigia as massas orchestraes e coraes o maestro Charles Bordes, da *Schola Cantorum*.



Recebemos do *Orpheon Portuense* e muito agradecemos o 3.º Suplemento aos seus Annaes, reportando-se a um periodo de dois annos e meio, a terminar em Maio de 1902.

E' um interessante repositório dos programmas dos seus concertos, em que se póde vêr quanto e quão bem tem trabalhado esta sympathica instituição pelo progresso da musica na capital do norte.

*

Acabamos de receber da casa impressora Oscar Brandstetter os primeiros exemplares das recentissimas valsas: **Caressante** de **C. Mackee** e **Grata** de **A. Mantua** ás quaes vaticinamos uma larga diffusão.

São ambas editadas pela casa Lambertini.

*

Recebemos da «Sociedade das grandes audições musicaes da França» com séde em Paris—Rue Rochechouart, uma formosa publicação-reclamo, ácerca da execução do **Tristano e Isolda**, que teve logar em condições de notavel brilho e esplendor no anno findo de 1902.

Alem do programma completo dos executantes, artistas, orchestra e córos, e de ser ornamentada com algumas artisticas photogravuras, traz um primoroso artigo de analyse e resenha do famoso *spartito*, redigido pelo erudito e reputado critico francez Mr. Pierre Lalo, o *courrieriste* semanal do importante periodico parisiense *Le Temps*.



SECÇÃO LITTERARIA

A. R. BAZIN

Os pintasilgos da Galiléa

(trad. de Alfredo Sacavem)

Quando Jesus passava pelos caminhos, punha os passaros em alegria.

Logo que avistavam a sua tunica branca vinham em grandes bandos; uns pousavam nos ramos das sebes, e diz-se que ellas floriam; outros passeiavam na poeira que os seus pés tinham tocado; outras pairavam no ar e faziam-lhe sombra.

Aquelles que sabiam cantar tambem não faltavam, assim como aquellos que não cantavam mostravam as suas bonitas pennas.

Todos diziam cada um da sua maneira:

— Obrigado, Senhor, pela minha plumagem, pela voz, pela côr, pelo grão, pela folhagem que nos abriga; obrigado pela vida e obrigado pelas nossas azas!

Elle sorria, abençoava-os, e logo as aves levantavam vôo. Mesmo as mães, que estavam no chôco, deixavam os filhos; vinham silenciosas e voltavam logo.

Um dia, sobre um talude da Galiléa, dois se demoraram no meio dos seus companhei-

ros cheios de alegria. Era na epocha em que as silvas estavam flôr e os pilriteiros ainda verdes. Jesus viu um *soffrimento* e parou.

Comprehendeu o que os passaros não sabiam dizer...

— Senhor, fizemos um ninho na parte baixa d'uma arvore. Tinhamos já dois ovos; vieram as grandes cheias e levaram a nossa casa.

Jesus levantou a mão e disse tão mansamente, que era mais uma lamentação que uma ordem:

— Recomecem, meus pequeninos.

Os pintasilgos fizeram um ninho no alto d'um carvalho, com receio das aguas. Falta já o tempo.

O cabello, a lã, a pennugem etc., de que se compõem os ninhos dos pintasilgos, tudo tinha sido empregado pelos primeiros constructores, os felizes, aquelles que cantavam nos outros ramos.

Logo que a casa estava prompta, redonda, aberta para o ceu e baluçando-se ao vento, uma tempestade passa, tão violenta, tão cheia de granizo, que tudo foi destruido!

Os dois pintasilgos puzeram-se á procura do Senhor. Elles não eram como nós, que nos queixamos sempre. Queriam somente saber se alguma esperança lhes restava para crearem uma familia, e porque razão duas ninhadas não tinham ido ávante.

A estação ia bastante adiantada, todos os pequenos, já emplumados, esvoaçavam e assemelhavam-se aos paes.

O sol ao meio dia aquecia como um forno; demais o Senhor tinha continuado o seu caminho prégando aos homens; já devia estar longe.

Ha muito tempo que o procuravam sem nenhuma informações, sem nenhuma maneira de saberem noticias. Somente quando avistavam em alguma aldeia uma mulher que chorava, uma creança doente ou um cego, ou qualquer ente digno de dó, pensavam:

«Jesus Christo não está na aldeia» e continuavam a voar.

Emfim, quando o estio finalisava, entraram em uma aldeia, onde havia grande animação.

As creanças traziam ramos, os homens conversavam uns com os outros, dizendo:

— E' verdade que elle resuscitou a filha de Jairo, vimol-a andar, cheia de vida.

As raparigas choravam de alegria, deixando os seus veus de tristeza.

Os dois pintasilgos foram pousar n'uma arvore distante, á sahida da aldeia.

Ao anoitecer Jesus passou por ali e reconheceu-os.

— Pequenos, disse elle, nada está perdi-

do. Recomecem outra vez; façam o ninho ao meio da arvore, não muito em baixo por causa das chuvas, nem muito alto porque não poderão ter força para resistirem ás tempestades. Podem ir em paz.

A roda d'Elle muitos homens estavam agrupados e ouvindo-o falar, um d'elles lhe disse:

— Mandaes fazer um ninho a estes passaros, Senhor?! O inverno já vem perto!!

— Antes que as coisas de que elles vão fazer o ninho estejam juntas, disse outro, as arvores já não terão folhas!

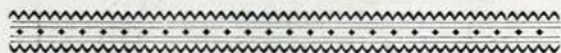
— A geada matará a mãe nos ovos, disse um terceiro, e dado o caso que se criem, os pobres passarinhos, na terra cheia de neve, não encontrarão alimento.

Mas aquelle, no meio dos quaes parecia como um principe, olhou tristemente para os homens e voltando-se para os passaros, disse:

— A primavera obedece-me, podem partir descansados.

Logo que a noite veio os dois pintasilgos levantaram vôo e sem nunca descansarem chegaram ao lugar onde já duas vezes tinham feito os ninhos. As eguas tinham andado a pastar todo o verão, por isso encontraram nos campos restos de crina em abundancia, e como os rebanhos dos carneiros tivessem deixando lã pelas sebes, elles tinham por onde escolher. O ninho foi feito, a fema poz seis ovos e começaram a chocar.

Viu-se então um espectáculo deslumbrante: enquanto as arvores se desfolhavam, a que tinha o ninho e as mais proximas estavam cobertas de folhas. Por este espaço abençoado o ceu conservava-se limpo e puro. As nuvens, que passavam, abriam-se, deixando vêr n'aquelle logar uma nesga azul do ceu, assim como os raios dourados do sol. Depois de ter passado o tempo necessario, seis pintasilgos nasceram, principiaram a cobrir-se de pennas, e deram os primeiros vôos, foi sómente quando estavam completamente cobertos que as folhas das arvores principiaram a cahir; então elles notaram que o inverno já ha muito tempo tinha vindo, a cem metros do ninho!

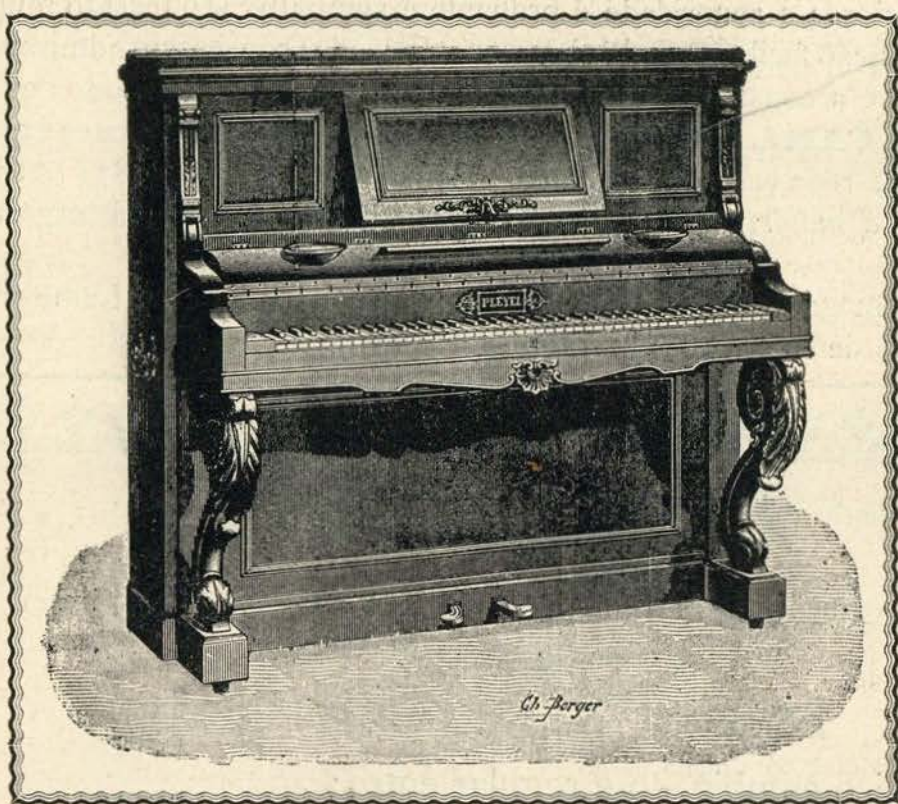


EXPEDIENTE

Appellamos para a benevolencia dos nossos leitores e assignantes para nos excusarem o involuntario retardo do presente numero, causado por imprevista mudança de typographia.

PLEYEL WOLFF LYON & C^{IE}

GRANDE FABRICA DE PIANOS E HARPAS
PARIS



HARPA CHROMATICA SEM PEDAES
(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

PIANO DUPLO PLEYEL

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

Inventor : — ENG.^o GUSTAVE LYON, official da Legião d'Honra
Presidente do jury (classe 17) da Exposição de Paris — 1900

CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS—STUTTGART



A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não construe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fôrma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguites exposições; — Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na casa Lambertini, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

A. HARTRODT

Sede HAMBURGO — Dovenfleth 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre:

HAMBURGO — PORTO — LISBOA
ANTUERPIA — PORTO — LISBOA
LONDRES — PORTO — LISBOA
LIVERPOOL — PORTO — LISBOA

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar quaesquer informação que se deseje.

A. HARTRODT — Hamburgo.

ARMAZEM PHOTOGRAPHICO

Worm & Rosa

O maior e mais completo sortimento de machinas, accessorios, utensilios e productos photographicos.

Depositarios das principaes fabricas inglesas, francesas, alle-mãs e americanas, de artigos para photographias.

135. Rua da Prata, 137

LISBOA

ACABA DE PUBLICAR-SE:

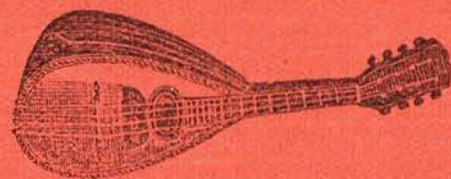
Diccionario Biographico de Musicos Portuguezes

✧ POR ✧

ERNESTO VIEIRA

2 Expendidos volumes adornados com 33 magnificos retratos, na sua maior parte absolutamente ineditos

Preço brochado..... 4\$000 réis
Luxuosamente encadernados 5\$500 réis



Bandolins italianos

GRANDE SORTIMENTO DESDE
8\$000 A 36\$000 RÉIS

ESTOJOS PARA BANDOLIM

Desde 3\$500 réis

ESPECIALIDADE em cordas inglezas
e palhetas de tartaruga.

Enorme sortimento de methodos
e musica para bandolim

À VENDA NA:

Casa LAMBERTINI

PROFESSORES DE MUSICA

Adelia Heinz , professora de piano, <i>Rua do Jardim á Estrella, 12</i>
Adelina Judice Samora , professora de guitarra, <i>Trav. de S. Sebastião, 26 4.º E.</i>
Alberto Lima , professor de guitarra, <i>Rua da Conceição da Gloria, 23, 3.º</i>
Alberto Sarti , professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i>
Alexandre Oliveira , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Rey Colaço , professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48</i>
Alfredo Mantua , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Andrés Goni , professor de violino, <i>Praça do Príncipe Real, 31, 2.º</i>
Antonio Soller , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO</i>
Candida Cilia de Lemos , professora de piano e órgão, <i>L. de S. Barbara, 51, 5.º, D.</i>
Carlos Botelho , professor de piano, <i>Travessa de Santa Quiteria, 63, r. c., D</i>
Carlos Gonçalves , professor de piano, <i>Travessa da Piedade, 36, 1.º</i>
Carlos Sampaio , professor de bandolim, <i>Rua de Andaluz, 5, 3.º</i>
Eduardo Nicolai , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI</i>
Elvira Rebello , profes.ª de musica e piano, <i>Collegio MOZART, Angra (AÇORES)</i>
Ernesto Vieira , <i>Rua de Santa Martha, A.</i>
Flora de Jesus Nazareth Silva , prof. de piano, <i>Rua dos Caetanos, 27, 1.º</i>
Francisco Bahia , professor de piano, <i>Rua de D. Carlos, 119, 4.º</i>
Francisco Benetó , professor de violino, <i>Avenida. 198, 4.º, E.</i>
Irene Zuzarte , professora de piano, <i>Rua José Estevam, 27, 3.º D.</i>
Isolina Roque , professora de piano, <i>Travessa de S. José, 27, 1.º, E.</i>
João E. da Matta Junior , professor de piano, <i>Rua Garrett, 112.</i>
Joaquim A. Martins Junior , professor de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 1.º</i>
José Henrique dos Santos , prof. de violoncello, <i>R. S. João da Matta, 61, 2.º</i>
Julieta Hirsch , professora de canto, <i>Bairro Castellinhos, Rua A. — R. G., 3.º</i>
Léon Jamet , professor de piano e órgão, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
Lucilia Moreira , professora de musica e piano, <i>T. do Moreira, 4, 2.º</i>
M.^{me} Sanguinetti , professora de canto, <i>Largo do Conde Barão, 91, 4.º</i>
Manuel Gomes , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin , professor de piano, <i>Rua da Cruz dos Poyaes, 49, 1.º</i>
Maria Margarida Franco , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
Maria da Piedade Reis Farto , prof. de piano e violino, <i>R Arsenal, 124, 2.º, E.</i>
Mathilde Girard , professora de piano, <i>Rua de S. Bento, 47, 1.º, E.</i>
Octavia Hansch , professora de piano, <i>Rua Palmira, 10, 4.º, E.</i>
Philomena Rocha , professora de piano, <i>Rua de S. Paulo, 29, 4.º, E.</i>
Rodrigo da Fonseca , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 137, 2.º</i>
Victoria Mirés , professora de canto, <i>Praça de D. Pedro, 74, 2.º, D.</i>

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias	1\$ 200
No Brazil (moeda forte)	1\$ 800
Estrangeiro	Fr. 8

Preço avulso 100 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

Praça dos Restauradores, 43 a 49 — LISBOA